

Ser ou não ser original em ciências sociais: A propósito de um artigo pioneiro

Edson Nery da Fonseca

Professor Titular e Diretor da Faculdade de
Estudos Sociais Aplicados da Universidade
de Brasília

Tanto nas chamadas ciências exatas como nas da natureza, a bibliografia e a documentação já estão consagradas como indispensáveis ao desenvolvimento científico e tecnológico. Abraham A. Moles — doutor ao mesmo tempo em ciências físicas e filosóficas e professor de psicologia social da Universidade de Estrasburgo — chega a afirmar que “la fonction de documentaliste revêt une très grande importance philosophique” e que “une théorie générale de la documentation est en soi une théorie générale de la culture” (1, p. 294). *

Motivos diversos explicam porque, no campo das ciências sociais, só recentemente é que aquelas técnicas venham alcançando tão elevado reconhecimento, inclusive por parte da Unesco (2). O primeiro é, sem dúvida, um motivo de ordem cronológica, isto é, a precedência histórica das ciências chamadas exatas e naturais em relação às ciências sociais.

(*) — Os números entre parênteses são os das referências bibliográficas reunidas no fim do texto.

A importância das ciências exatas no desenvolvimento industrial e a das ciências biomédicas no combate às doenças também explica o descaso pela bibliografia e pela documentação no campo das ciências sociais, cuja condição científica foi durante muitos anos negada, aliás, com razão, porque os seus primeiros cultores se perdiam em especulações abstratas, embora rotuladas como "positivas".

Quando estas ciências descobriram que seu objeto é o homem, deixaram de ser abstratamente sociais para se tornarem concretamente humanas. Como observa Gilberto Freyre, "para vários cientistas sociais de hoje, já estamos próximos do dia em que, através de técnicas de persuasão, à base de pesquisas psico-sociais, os cientistas sociais que orientam um grupo política ou economicamente dominante, ou cheguem ao domínio político e econômico desse grupo, poderão transformar os membros de uma comunidade em ex-indivíduos, ou ex-pessoas, incapazes de vontade própria ou de orientação diferente da que lhes for dada através de técnicas, hoje cientificamente quase perfeitas, de persuasão, dentro das de comunicação baseadas em pesquisas ou investigações psico-sociais" (3, p. 12).

Detentores, como assinala o Professor Arnold Rose — citado por Freyre — "de uma como energia atômica quase tão 'potencialmente perigosa' como a outra", os cientistas sociais tiveram de reconhecer — como os matemáticos, os físicos, os químicos, os biólogos, os zoólogos e os botânicos — já haviam reconhecido — que os resultados de suas pesquisas seriam tanto mais eficientes quanto mais atualizados eles se mantivessem com relação às pesquisas realizadas em todo o mundo. Essa atualização é o objetivo que a bibliografia e a documentação perseguem.

Vencida a incompreensão epistemológica, surgem outras dificuldades para a bibliografia e para a documentação no campo das ciências sociais. Uma delas é a imprecisão con-

ceitual, que não ocorre nas ciências exatas e naturais, com seus conceitos definidos e suas taxonomias internacionalmente consagradas.

A própria denominação das ciências sociais — por outras chamadas ciências humanas ou ciências do homem — é um exemplo dessa imprecisão. Claro que, neste particular, seguimos mestre Jean Piaget, para quem nenhuma distinção deve ser admitida entre as ciências chamadas sociais e as designadas por humanas (4, p. 2). Nas enciclopédias e nos dicionários de ciências sociais podem ser encontrados inúmeros outros exemplos dessa imprecisão conceitual, sendo *cultura*, talvez, o caso mais citado (5) e, modernamente, *estrutura* (6).

Outra dificuldade é a que resulta da crescente interrelação entre as ciências sociais, isto é, do seu caráter interdisciplinar. Este, entretanto, é um fenômeno que ocorre hoje tanto entre as ciências sociais como entre as exatas e naturais, caracterizando também a situação atual das letras e das artes, contra todos os purismos disciplinares e metodológicos. Piaget fala em “trocas cada vez mais frequentes entre as ciências da natureza e as do homem” (4, p. 39) e Gilberto Freyre há tempos vem insistindo na importância de uma interrelação das ciências do homem com as letras e as artes (7, p. 63).

Por mais especializados que necessitemos de ser, em face da chamada explosão bibliográfica — causa e efeito, ao mesmo tempo, da multiplicação de especializações, pois como observou Mallarmé, “tudo no mundo existe para transformar-se em livro” — não podemos perder de vista o que parece caracterizar tanto a realidade natural como a cultural ou humana, isto é, a *interrelação dos fatos*.

“É preciso que a interrelação entre fatos humanos não seja nunca desprezada”, recomenda Gilberto Freyre em notável conferência, acrescentando: “O observador que fixe sua atenção num acontecimento único, esquecido de que esse aconte-

tecimento não se produziu no vácuo, mas representa uma série de fatos interrelacionados, não transmite ao seu leitor — quando os resultados de suas observações são publicados — senão uma boa ou má caricatura do mesmo acontecimento, com o traço ostensivo de uma realidade mais ou menos complexa, reduzido a expressão, na aparência simples, mas na verdade simplista, dessa realidade” (3, p. 17).

Se nos alongamos demasiadamente em considerações ousadas para quem não é cientista social e nem ao menos documentalista especializado em ciências sociais, mas simples professor de bibliografia e documentação é porque o próprio fenômeno interdisciplinar como que favorece incursões por campos que não são os nossos. São aventuras intelectuais perigosas, das quais só um aspecto nos envaidece: o de saber escolher os guias mais esclarecidos. Um deles, o admirável orientador que é Gilberto Freyre. Admirável e singular porque atinge, com sua orientação e seu estímulo, estudiosos não apenas de sua geração e de sua especialização universitária, mas de gerações anteriores e posteriores, representando tantas ciências e técnicas, tantas letras e artes, tantas atividades e profissões que sua posição só pode ser comparada à de um regente de orquestra.

Foi ele quem nos transmitiu a primeira idéia da importância da bibliografia, quando, respondendo aos que o acusavam de “pedante” porque, em *Casa-Grande & Senzala*, segundo esses acusadores, citou demais, respondeu que preferia o suposto excesso “a resvalar no pecado contrário e talvez mais grave: o de citar de menos” (8, p. 40).

É esta, aliás, uma das inúmeras inovações introduzidas na historiografia brasileira por Gilberto Freyre: a de citar abundantemente os documentos e os livros em que se apoiou, alguns até então inéditos, em vez de escondê-los, como fez grande número de seus antecessores e ainda hoje fazem alguns de seus contemporâneos. Por desonestidade intelectual,

desconhecimento de métodos universitários de comunicação entre pesquisadores e/ou até pela crença ingênua de que a criação científica depende unicamente da inspiração ou da iluminação, o fato é que certos autores como que se envergonham de fazer citações.

Dez anos depois de publicar *Casa-Grande & Senzala*, voltou Gilberto Freyre a ocupar-se do assunto, em artigo tão cheio de lúcidas considerações que não podemos deixar de reproduzi-lo quase na íntegra, pois está esquecido na coleção do há anos extinto jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro. Referindo-se ao grande sociólogo norte-americano Thorstein Bunde Veblen — o autor da famosa *Theory of the leisure class* — escreveu Gilberto Freyre em 1943:

“Do pecado de não citar bastante mestres de tal vigor e masculinidade e de tão largo domínio sobre os assuntos que dificilmente estão fora desse domínio ou de sua sombra enorme, qual de nós, pesquisadores mais ou menos secundários, está inteiramente livre? O grande pecado é não citá-los nunca: evitar-lhes sempre os nomes. Mas não deixa de ser injusto citá-los pouco: o menos possível.

“A psicologia de tão feia ingratidão intelectual me parece que é esta: citado o “mestre” ou o “pioneiro na matéria” uma ou duas vezes, a terceira vez o discípulo ou o novo pesquisador começa a sentir-se diminuído com o fato do diabo do “pioneiro” ou do “mestre” ter já desvirginado não só um, mas vários aspectos do problema. E principia uma reaçãozinha sutil ao “mestre” ou ao “pioneiro” sob a forma de um silêncio que às vezes se justifica, tal a originalidade de método e mesmo de idéia e orientação do discípulo ou novo pesquisador em chegar a conclusões idênticas às do mestre, mas, outras vezes, inteiramente injustificável, de tal modo se impõem as antecipações do mestre à atenção e ao respeito dos discípulos; e tão fortes são as evidências de que o mestre é que orientou o discípulo.

“Há quem tenha horror às citações. Houve tempo, entre nós, em que um livro carregado de citações ou salpicado de aspas era um livro perdido. Os gaiatos fechavam-no, depois de o folhearem displicentemente, fingindo um enjôo invencível e gritando: ‘que fedor de vela!’ É que as citações e as aspas acusavam muita leitura de livros velhos à luz das velas de sebo e indicavam que o livro novo não era ou não podia ser “original”. E essa ausência de “originalidade” importava em verdadeira perdição para o autor novo. Seria, quando muito, um indivíduo paciente; de modo nenhum um homem de talento.

“Hoje sabemos que em ciência como em arte, a originalidade absoluta não existe; e que a originalidade do criador ou do renovador está na combinação de elementos velhos com novos ou de dois elementos velhos, nunca dantes reunidos, correlacionados ou aproximados por outro cientista ou artista. A essa maravilha de criação raro se chega de improviso ou por espontaneidade pura: é preciso o contacto do artista ou do cientista moço com a obra dos clássicos, dos mestres, dos pioneiros, dos velhos. Contacto direto, de preferência, embora às vezes baste o vago ou fortuito para se verificar a fecundação do novo pelo velho; ou do velho pelo novo.

“Sendo este o mecanismo da criação ou da renovação em arte ou em ciência, já não devemos nos sentir tão diminuídos como outrora, pela sombra de domínio dos mestres sobre os assuntos que desejaríamos marcar, com a nossa passagem, pela descoberta de um aspecto novo e surpreendente ou apenas adivinhado de longe por algum remoto, vago e incerto pioneiro. Pois a originalidade — repita-se — está em combinações novas ou na combinação de um elemento novo com os velhos: e não na invenção absoluta, que seria maculada pela antecipação mesmo vaga de um pioneiro que o suposto inventor se esforçasse por esconder, citando-lhe o nome o menos

possível. Como se deixando de o citar conseguisse matá-lo. Como se citar ou não citar resolvesse a questão da originalidade: o *to be or not to be* ... original." (9).

Com admirável lucidez, Gilberto Freyre esclareceu, em ano já remoto, problemas que vêm sendo objeto de estudos recentes, como o das citações e o da criação científica. Deles se ocupa um novo campo de estudos já consagrado com o nome de Ciência da Informação. Ciência de metodologia interdisciplinar, relacionada com a matemática, a estatística, a lógica, a linguística, a psicologia, a engenharia de sistemas, as artes gráficas, a comunicação, a bibliografia e outros campos, ela procura investigar o chamado fluxo da informação (*flow of information*). E um dos aspectos desse fluxo é o das citações, cientificamente estudadas, entre outros, por um físico e historiador da ciência da categoria do inglês Derek de Sola Price (10) e pelo também notável físico e psicólogo social Abraham Moles (1).

Estudos sobre a relação entre *documentos citados* e *documentos citantes* vêm sendo proporcionados pela interessantíssima revista *Science Citation Index*, publicada a partir de 1963, sob os auspícios do Institute of Scientific Information (11). Também os repertórios bibliográficos nacionais — registros da produção intelectual das nações — podem ser objeto de interessantes análises, como a realizada pelo sociólogo Victor Zoltowski em quase cem anos de publicação da *Bibliographie de la France*, isto é, de 1812 — quando ela foi iniciada por determinação de Napoleão I — a 1900. Dessa análise resultou a descoberta de “ciclos de criação intelectual e artística” até então desconhecidos pelos historiadores da literatura.

O ensaio de Victor Zoltowski é importantíssimo para a documentação porque representa o reconhecimento, por parte de um sociólogo, da natureza científica — e não apenas técnica — da bibliografia, considerada como “ciência concreta”

e comparada à demografia. "Cette science concrète" — escreve Victor Zoltowski referindo-se à bibliografia — "consiste à tenter le recensement du monde des livres dans sa totalité de la même façon que la démographie procède pour le recensement de la population" (12).

Os bibliógrafos têm sido definidos irônicamente como conhecedores de todos os livros, sem que hajam lido um só deles. Mas como salienta Zoltowski, a importância da bibliografia reside justamente "dans le fait qu'elle dispense de tout lire et permet cependant de connaître le monde des livres", da mesma maneira pela qual "un démographe qui étudie les mouvements de population, ne connaît pas personnellement chaque citoyen du pays qui le préoccupe" (12).

Referências Bibliográficas

1 — MOLES, Abraham A. *Sociodynamique de la culture*. Paris, Mouton, 1967. 342 p.

2 — Reconhecimento comprovado pela instituição de um Comitê Internacional para Documentação em Ciências Sociais, dirigido pelos sociólogos-documentalistas Jean Meyriat e Jean Viet, e por grande número de publicações, dentre as quais destacamos as seguintes:

MEYRIAT, Jean & Beauchet, Micheline. *Guide pour l'établissement de centres nationaux de documentation en sciences sociales dans le pays en voie de développement*. Paris, Unesco, 1969. 73 p. (SHC. 68/XV/24 F).

UNESCO. *Liste mondiale des périodiques spécialisés dans les sciences sociales*. 3. éd. rev. et augm. Paris, 1966. 448 p.

- UNESCO. *World index of social science institutions*. Paris, 1970. Repertório em fichas, permanentemente atualizado pela *Revue Internationale des Sciences Sociales*, a partir do volume XXII, n. 4, de 1970.
- 3 — FREYRE, Gilberto. *Sugestões em torno da ciência e da arte da pesquisa social*. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1969. 26 p.
- 4 — PIAGET, Jean. The place of the sciences of man in the system of sciences. In: Unesco. *Main trends of research in the social and human sciences*. Part one: *Social sciences*. Paris, Unesco; The Hague, Mouton, 1970, p. 1-57.
- 5 — ELIOT, T. S. *Notes towards the definition of culture*. London, Faber and Faber, 1948. 124 p.
- 6 — BASTIDE, Roger, ed. *Usos e sentidos do termo "estrutura" nas ciências humanas e sociais*. Trad. de Maria Heloiza Schabs Cappellato. São Paulo, Herder e Editora da Universidade de São Paulo, 1971. 194 p.
- 7 — FREYRE, Gilberto. *Sociologia da medicina*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.
- 8 — FREYRE, Gilberto. "A propósito de um livro em 3.^a edição". *Revista do Brasil*, 3.^a fase (Rio de Janeiro) Ano I., n. 1, p. 33-40, julho 1938. Artigo incluído em *Casa-Grande & Senzala*, a partir da 4.^a edição, como "Quase um prefácio à terceira edição."
- 9 — FREYRE, Gilberto. Citar ou não citar. *A Manhã* (Rio de Janeiro) 22 de maio de 1943.
- 10 — SOLLA PRICE, Derek J. de. *Little science, big science*. New York, Columbia University Press, 1965. 118 p.
- 11 — *Science Citation Index* (Philadelphia) 1963 — (trimestral, com acumulações anuais).
- 12 — ZOLTOWSKI, Victor. Les cycles de la création intellectuelle et artistique. *L'Année Sociologique*, Troisième Série (Paris) 1952, p. 163-206 (publicado em 1955).

